

A Mina recebeu Menção Honrosa no concurso de contos Guimarães Rosa, da *Radio France Internationale*, 1995.

A MINA

O tenente Zenite estava postado na esquina da avenida principal com uma rua transversal de pouco movimento. Vestia-se à paisana porque já tinha acabado o expediente do quartel. Teoricamente estava de folga, mas sempre alerta como um bom soldado. Gostava de alardear que servia à pátria durante as vinte e quatro horas do dia e há quem diga que seu cobertor era uma bandeira nacional tecida com lã de carneiro, adquirido em uma tecelagem caseira quando serviu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Isso lhe permitia um contato com a brasilidade, mesmo enquanto dormia. Por baixo do paletó de linho azul sobressaía um cocuruto do lado direito; era o cabo de uma pistola Colt 45. Observava todos os que passavam com um olhar de águia e a boca semi-aberta mostrava dentes saudáveis, dando a impressão de que sorria. Na versão hollywoodiana correspondia ao sorriso dos oficiais da SS quando estavam prestes a descobrir algum plano secreto. Aguçava os ouvidos para ouvir as palavras dos transeuntes, na esperança de desvendar algum segredo, alguma trama comunista que estivesse em curso.

Foi numa tarde, início da noite, que João do Açúcar passou pelo tenente em seu posto rotineiro. Conversava com o Elson e o tenente conseguiu captar as seguintes palavras:

— Quando eu coloquei a mina, ela quebrou. Estou esperando chegar...

Não foi possível ouvir o resto, mas para o tenente estava tudo muito claro.

— Está na cara que ele estava dizendo... *estou esperando chegar... mais*. Deve ser um sabotador comunista que anda colocando minas, provavelmente, na saída das viaturas.

O tenente foi para casa, telefonou para um colega e deu-lhe ciência da grande descoberta realizada. No dia seguinte, traçaram um plano de investigação com o intuito de localizar o perigoso terrorista. Combinaram encontrar-se na mesma esquina e, como a cidade não era grande, talvez as pessoas repetissem os mesmos trajetos.

— Quem sabe o filho da mãe não passará aqui novamente?

Dito e feito, lá vinha o João do Açúcar com o mesmo passo, na mesma hora, conversando com o mesmo companheiro. Ambos eram alunos de uma escola situada a dois quarteirões daquela esquina.

Zenite fez um sinal disfarçado para o outro tenente e colocaram em prática uma técnica especial do curso de combate aos comunistas que fizeram no Rio de Janeiro. Seguiram os dois para descobrir aonde iam. Os tenentes esperaram o término das aulas e, no meio da confusão de alunos, saindo por um único portão, conseguiram divisar os dois suspeitos que estavam juntos novamente. Já passava das 22 horas e as ruas esvaziavam-se

rapidamente. João do Açúcar e Élson foram ao Café Java e pediram dois cafezinhos. Zenite e o outro tenente espreitavam do outro lado da rua.

— Veja como os fatos se encaixam, certo? Se estes camaradas não fossem terroristas já teriam ido para casa, certo? Se a mina quebrou, ele vai colocar outra, certo? Vamos falar com o capitão, amanhã durante o dia, desceremos com um pelotão e prenderemos os safados, certo? Vamos verificar onde moram, certo? Você segue o mais alto, deixe o outro comigo, certo?

Tudo isso foi dito sem articular muito a boca para não dar na vista. Seriam 23 horas quando João do Açúcar e Élson foram embora, despediram-se numa esquina e cada um tomou seu rumo. Os tenentes também se separaram e acompanharam os respectivos suspeitos.

No dia seguinte foi montada a operação de guerra, obtiveram a permissão do capitão comandante da companhia para fazer um exercício antiguerrilha urbana e distribuíram os homens do pelotão nas proximidades da casa do João do Açúcar. Instruíram os sargentos e os cabos em separado e recomendaram que aguardassem a hora H, quando seria dada a voz de prisão. Os soldados, como elementos de execução, não deveriam saber de nada.

João do Açúcar abriu a porta de casa e tomou a direção do centro da cidade. Os soldados faziam evoluções ao comando de um dos sargentos e João do Açúcar ainda parou para ver as manobras. Havia um soldado em cima da marquise do açougue em posição de tiro. Tenente Zenite fez um gesto com o punho fechado e, conforme João do Açúcar andava, o pelotão seguia-o de longe, ora adiantando, ora retardando o passo. João do Açúcar entrou numa loja.

— Olá, Seu Mário, o senhor viu os soldados na rua? Estão fazendo manobras interessantes. Tem nego que sobe em marquise, lá no açougue do Zacarias tinha um.

O dono da loja não deu muita importância ao fato, atrás do balcão estava, atrás do balcão permaneceu arrumando umas caixas. João do Açúcar foi até à porta e viu os soldados que já estavam bem próximos. Entrou de novo e perguntou:

— Como é Seu Mário, já chegou mina para a minha lapiseira?

— Chegou e é coisa boa, é grafite de primeira que não quebra à toa, é *João Faber*.

— Então me dá umas dez.

João do Açúcar enfiou a mão no bolso, tirou o dinheiro de uma velha carteira e pagou ao Seu Mário. Quando deu o primeiro passo fora da loja, o tenente Zenite apontava-lhe a Colt 45 e o pelotão acompanhava-o com seus fuzis e metralhadoras. Uma operação perfeita, João do Açúcar foi preso às 10,37 horas, conforme constou no relatório, subiu para o quartel escoltado por duas alas de soldados com as armas cruzadas e as baionetas caladas. Parou gente a fim de olhar, mas ninguém falou nada. O tenente suava muito e seu sorriso de oficial da SS estava mais acentuado. Um velho, com cara de sacristão, ainda fez uma observação com a voz sussurrada:

— Se ele foi preso, boa coisa não estava fazendo.

Uma verdureira concordou com a observação e arriscou uma opinião:

— Dizem que estão prendendo essa gente que come criancinhas.

O quartel situava-se no alto de uma colina e sua entrada principal era uma ladeira bastante íngreme. João do Açúcar foi encaminhado diretamente a uma cela improvisada, pois, naquela época, havia muitos presos. Recebeu a alimentação numa pequena marmita no mesmo horário em que a tropa se dirigia ao rancho. Não conseguiu falar com uma pessoa sequer e isso confundia seus pensamentos. Tentou puxar conversa com o soldado que lhe trouxera o café da noite, mas o praça não deu uma só palavra. Conseguiu, no entanto, um cigarro que foi fumado com o máximo de aproveitamento, a última tragada foi perto da brasa, quase lhe queimando a boca.

No dia seguinte, o soldado que montava guarda abriu a porta da cela e apareceu um sargento — um primeiro sargento — alto e muito forte. João do Açúcar estava deitado no beliche e, ao fazer movimentos para se levantar, o sargento deu um grito:

— De pé!

Encarou o preso e disse com voz ríspida:

— Me acompanhe, ande à minha esquerda, um passo adiante. Indicarei o caminho e bico calado. Vamos, em frente... à direita... em frente... suba a escada... à direita... alto... pare! Alto é pare, imbecil!

Abriu a porta de uma sala, cujo mobiliário era apenas uma mesinha e dois bancos pequenos pintados de verde-oliva.

— Entre e fique de pé, em posição de sentido, aqui — e apontou com o dedo o lugar.

Chegaram dois oficiais, um era o tenente Zenite, o outro era um capitão com um bigodinho dos anos 1940. Assentaram-se nos banquinhos e cochicharam algumas palavras. Zenite tirou um maço de cigarros do bolso lateral da calça, pegou um cigarro e levou-o à boca em movimentos de câmara lenta. Do bolso da gandola puxou um isqueiro com tampa de mola, acendeu o cigarro e fechou o isqueiro com um forte clique. João do Açúcar, fumante convicto, olhava aquela cena com água na boca. Pensou em pedir um cigarro, mas não teve coragem. Zenite fumava com estilo e fazia alguns malabarismos interessantes, havia um em que a fumaça saía como anéis que aumentavam de tamanho até se desfazerem no ar. João do Açúcar lembrou-se de Jacques Prévert, no tempo em que freqüentou a *Alliance Française*:

— *Il a allumé*

Une cigarette

Il a fait des ronds

Avec la fumée

O capitão de bigodinho tamborilava na mesa sem falar e mantinha o olhar fixo num ponto qualquer da sala. Bateram à porta, entrou o sargento alto e forte trazendo várias pastas de

papelão e alguns blocos de papel. Entregou o material ao tenente, retirou-se fazendo continência e dando meia-volta com bastante barulho do entrecalcanhar. O tenente abriu uma das pastas, leu umas fichas e começou o interrogatório:

— Nome?

— João do Açúcar.

— Idade?

— 37 anos.

— Data de nascimento?

— 28 de agosto de 1933.

— O senhor conhece explosivos?

— Conheço, prestei serviço militar e pertencia a um pelotão de sapadores.

— Ah! Então o senhor conhece um *boob trap*?

— Bem, tenente, eu conhecia. Sou da classe de 33. Não me lembro de quase nada. Aliás, estava esperando uma oportunidade, gostaria de saber a razão de tudo isso. Afinal de contas por que estou aqui? Ninguém me deu explicações, minha família deve estar preocupada.

— Aqui, quem pergunta sou eu, certo? O senhor responde, certo?... As minas já chegaram?

João do Açúcar achou a pergunta engraçada naquela hora tão grave. Não entendeu como poderia o tenente estar tão bem informado de fatos tão irrelevantes.

— Sim, já chegaram, ontem adquiri dez.

— Como as adquiriu?

— Uai, tenente, comprando.

— Quem lhe fornece?

— O Seu Mário.

— Ah! Então há um fornecedor, certo?

— Claro que tem. As coisas não caem do céu.

— Responda apenas, não faça comentários idiotas.

— Onde mora esse Seu Mário?

— Ele mora em cima da sua loja, quero dizer, dele.

— Então ele tem uma loja, certo?

— Onde fica essa loja?

— Fica perto da minha casa, na Rua Saulo Freitas.

— Número?

— Não sei, o senhor me prendeu lá, ontem.

— Ah! Então, com aquela fachada de comerciante de coisinhas, esconde-se um fornecedor de terroristas!

— Não estou entendendo, tenente.

— O senhor não precisa entender, apenas responda.

— O senhor é casado?

— Sim, sou casado.

— Por que o senhor usa barbas?

— Por comodidade.

— O senhor conhece Fidel Castro?

— Conheço.

— Ah! Então o senhor conhece Fidel Castro, certo?

— Bem, conheço, o senhor também não conhece?

— Eu já disse, responda apenas, não faça perguntas boçais.

— Como é que ele lhe manda dinheiro?

— Quem?
— Como... é... que... Fidel... Castro... lhe... manda... dinheiro?

— Ele não me manda dinheiro.

— Senhor João do Açúcar, quero lhe dizer que eu não sou idiota. Nesta pasta há um monte de informes e informações sobre o senhor e... aqui... no dia 15 de março de 1968, às 19,30 horas, na Cantina Calabresa, nosso colaborador, um médico respeitado na cidade, afirmou que o senhor recebia dinheiro de Cuba em dólares americanos, certo? O senhor nega isso?

— Tenente, o senhor está delirando.

— Cuidado com as palavras, paisano! Vou refrescar sua memória. Tire a roupa que eu vou lhe mostrar quem está delirando.

— A roupa?

— É, a roupa e o sapato.

Zenite levantou-se do banco, foi até à janela e pegou duas latas de Toddy, colocou-as em frente de João do Açúcar e ordenou:

— Suba nas latas.

João do Açúcar não sabia se ria ou se ficava sério. Obedeceu a ordem e equilibrou-se sobre as latas. Passados alguns segundos seus pés começaram a doer e ele voltou ao chão.

— Suba! — Gritou o tenente.

João do Açúcar tornou a subir naquele estranho pedestal.

— Está doendo tenente. Isso é maldade.

— Ah! Maldade! E explodir viaturas do exército brasileiro não é maldade, seu comunista safado!

— Uai, tenente, eu não fiz isso e nem sei do que o senhor está falando... Ai meu pé!

— Senhor João do Açúcar, na tarde de 23 de junho de 1970, às 18,37 horas, o senhor disse ao senhor Élson Coluci — que também já está preso — abre aspas... *quando eu coloquei a mina ela quebrou... estou esperando...*, fecha aspas. Através de um grande esforço dedutivo, descobrimos o resto da frase... *estou esperando... chegar mais*. O senhor recebe dinheiro cubano para entrouxar o safado do fornecedor contrabandista de armamentos de nome ou codinome Mário que se esconde com a fachada de comerciante, certo?

— Errado, tenente! Não estou entendendo nada disso. Meu pé está doendo muito!

— Pois fique aí até que eu mande o senhor descer.

Os oficiais saíram da sala, deixaram o sargento tomando conta de João do Açúcar e Zenite recomendou:

— Se descer, dê umas porradas nele.

— É isso que eu estou querendo, Seu Tenente.

Depois de meia hora voltaram.

— Como é? Ele desceu?

— Desceu uma vez, Seu Tenente, mas acho que preferiu ficar nas latinhas.

— Desça seu molenga, vista suas roupas. Sargento! Leve o preso, amanhã tem mais.

— Vamos, você já sabe como é que é... em frente... à

esquerda... desça a escada...

João do Açúcar foi mancando como se estivesse pisando em areia quente e com a boca do estômago doendo, chegou à cela, caiu no beliche e desmaiou. Quando acordou encontrou a marmitta e o café. Tentou comer, mas estava insuportável; o café, apesar de frio, ainda desceu e... nem um cigarrinho. Lembrando-se do tenente, fumando estilosamente, João do Açúcar pôs-se a pensar:

— Tenho que reconstituir os fatos, não é possível que tudo isso esteja acontecendo comigo sem que haja uma explicação racional. Explosivos, *boob trap*, e me perguntar sobre a mina da minha lapiseira, é demais. Seu Mário — coitado do Seu Mário —, dinheiro de Cuba, Fidel Castro, prenderam o Élson, explosivo... mi... na, não é possível! O tenente está confundindo mina de lapiseira com mina antitanque, será que é isso? Veremos amanhã... ai meu pé, como dói esta merda. Somente quando olhou para os pés verificou que estavam inchados e vermelhos, era impossível andar. Encostou-se ao beliche e aos poucos adormeceu.

No dia seguinte começou a rotina que parecia existir havia muito tempo. Quando o soldado trouxe o café, João do Açúcar pediu um cigarro. O soldado hesitou, mas ao olhar os pés descalços do preso, tirou do bolso um maço de Belmont todo amassado, jogou um cigarro em cima do beliche e saiu às pressas como se tivesse cometido uma falta grave. João do Açúcar pegou o cigarro, cheirou-o profundamente, mas deu conta de que não poderia fumá-lo, pois não tinha fósforos, teria que esperar o outro soldado na hora do rancho.

A corneta tocava com freqüência e João do Açúcar recompunha os costumes da caserna. Alguns toques vieram-lhe à lembrança: rancho, avançar a 1ª Cia., sargento de dia da CPP, chegada do coronel-comandante. A banda de música conseguiu alegrar o ambiente de tanta apreensão. Ao tocar o hino do regimento, João do Açúcar transportou-se ao tempo da guerra quando os soldados se preparavam para ir à Itália. Naquele tempo ele admirava os militares, mas, agora, estava difícil de engolir aquele tenente que, além de malvado, parecia ser insipiente.

— Como é que pode confundir mina de lapiseira com mina de guerra? Mas hoje eu explicarei tudo e certamente sairei daqui.

A formatura tinha terminado, as companhias recolheram-se aos seus edifícios e o expediente começaria. Passou meia hora, chegou o sargento alto e forte.

— Vamos.

João do Açúcar seguiu em direção à sala do interrogatório sem que o sargento precisasse dirigir o trajeto; ia virando e desvirando nos corredores como se já estivesse acostumado naqueles caminhos. Mancava muito. Tomou sua posição e pouco teve que esperar, logo apareceram os oficiais. O tenente preparava-se para a inquisição com o ritual do cigarro quando João do Açúcar falou com entusiasmo, crente que tinha desvendado o mistério.

— Tenente, creio que posso explicar a confusão.

— Que confusão?

— Foi o homofonógrafo.

— Ah! Então há também equipamentos de transmissão e escuta?!

— Não, tenente...

— Mas o senhor acabou de dizer.

— Sim, tenente, mas eu não falei de equipamentos de escuta, eu falei da mina.

O tenente falou meia dúzia de palavras no ouvido do capitão e os dois saíram da sala sem dizer nada, foram imediatamente ao gabinete do subcomandante do batalhão.

— Com licença, major, capitão Mauro do S2.

— Tenente Zenite da CCAC.

— À vontade.

O capitão tomou a palavra:

— Major, estamos interrogando um terrorista que recebe dinheiro de Cuba e ele mencionou um equipamento que nós não conhecemos, um tal homofonógrafo. Queríamos verificar nos catálogos americanos que tipo de coisa é essa. É do gênero das minas, mas em todos os cursos que já fiz, os instrutores nunca mencionaram esse nome. Será equipamento soviético?

O major assustou-se por dentro, mas conteve-se a fim de aparentar tranqüilidade. Disse que iria consultar o comando da divisão, pegou o telefone e ligou na presença dos dois oficiais:

— Alô, major Ribamar? Como vai meu velho?... É... Aqui também... A meninada vai bem... Dê lembranças à Laurita... Riba, me faz um favor... Veja se descobre o que é um... — como é mesmo capitão? — Homofonógrafo, do gênero das minas... Isso... Deve ser com h, h de hora. Veja nos catálogos soviéticos porque nos americanos eu tenho certeza de que não existe esse troço. Aguardarei sua resposta, melhor mesmo será um rádio, em código. Um abraço... Qualquer dia irei te visitar... Outro para você. O.k., capitão, o major Ribamar resolverá isso para nós. Se existe alguma coisa que explode, ele conhece, até de bombinha de São João ele entende. Depois eu contarei a vocês quem é que soltava bombinhas lá na AMAN — e deu uma gargalhada.

O capitão esboçou um riso, mas Zenite fez cara de quem não gostou da brincadeira. Saíram do gabinete e resolveram encerrar o interrogatório. Aguardariam as informações do major Ribamar.

— É muito perigoso interrogar um terrorista que tem mais informações do que a gente — ponderou o capitão.

João do Açúcar voltou à cela com os pensamentos confusos. Ouvia a movimentação nos pátios do quartel: ordem unida, caminhões que entravam e saíam, a corneta sempre chamando alguém; ao longe, ecoavam, no stand, alguns tiros. Envolvido naquela atmosfera castrense, lembrou-se da caderneta militar de seu pai, no tempo do movimento separatista de 22. Era uma caderneta em que se faziam os assentamentos de ações que merecessem o louvor militar. João do Açúcar gostava de contar aquelas façanhas, mas como não se lembrava dos detalhes, passou-lhe pela cabeça apenas que:

— Hoje, tanto do tanto de mil novecentos e tanto. Não sei o que que tem, não sei o que que tem, não sei o que que tem. Depois vinha: não sei o que que tem, não sei o que que tem, não

sei o que que tem. Terminava assim: não sei o que que tem, não sei o que que tem, não sei o que que tem. Assinado, capitão não sei o que que tem.

No meio de lembranças longínquas, de vez em quando, vinha-lhe o medo. Em 64, prenderam muita gente. Lembrou-se do Dejar, dedurando uma porção de pessoas. Lembrou-se do Dr. Romualdo e do Dr. Diógenes. Este último foi preso porque tinha um retrato de Thomas Alva Edson na sala de espera do seu consultório e teve que explicar, com dificuldade, quem era aquele desconhecido líder comunista. O outro era tido como perigoso, sobretudo porque lia muitos livros. Era um médico muito brincalhão e foi ele próprio quem contou sua passagem pelas celas deste mesmo quartel. Quando sua casa foi invadida, por um tal capitão Ventumar, não teve tempo nem de se despedir da mulher, mas conseguiu levar o livro que estava lendo — *O Romano*. No primeiro interrogatório, perguntaram-lhe:

— Onde está seu irmão Antenor?

Dr. Romualdo deu uma resposta bíblica:

— *Não sei. Porventura sou eu o guarda de meu irmão?*

Um dos inquisidores era um capitão batista, e ao ouvir a resposta completou:

— Gênesis, IV, 9.

O interrogatório terminou imediatamente.

Levado à cela, foi fazer suas necessidades fisiológicas e jogou uma porção de papel higiênico dentro do vaso para que a água não o respingasse e pôs-se a ler o livro. Lá pelas tantas, a narrativa ocupava-se de cristãos que estavam sendo queimados vivos por um perverso imperador romano. Dr. Romualdo começou a sentir um calor enorme proveniente do vaso sanitário e isso o fez pensar que estivesse tão envolvido com a leitura a ponto de sentir as mesmas sensações, sofridas pelos cristãos incendiados; mas quando apareceu uma fumaça real dentro da privada, verificou que o cigarro, ali jogado, estava queimando o papel higiênico ainda não encharcado.

João do Açúcar riu do caso lembrado, mas a situação de agora não era para graça.

— Quem está aqui em apuros sou eu.

O major Ribamar iniciou suas pesquisas a respeito do homofonógrafo, consultou os catálogos de armamento soviético e não encontrou nada.

— Que vou dizer ao major Paz? Não posso deixá-lo sem resposta, afinal fui o primeiro aluno da nossa turma e ele foi o cerra-fila. Se eu não descobrir o que é o tal de homofonógrafo, ele vai espalhar para todo o mundo.

Não quis consultar o pessoal do comando da região para não ficar devendo favores e mesmo porque ele era a maior autoridade em explosivos do Brasil. Se pudesse ligar diretamente para o Pentágono, falaria com o major Thompson, um instrutor do curso de aperfeiçoamento, mas ligar sem a permissão do general seria impossível.

— Puta merda, em que enrascada o Paz me meteu — pensou o major.

Essa inquietação deixava o major Ribamar nervoso e mal

humorado. Em casa, andava às turras com a mulher e impacientava-se com os filhos a troco de nada. Perdia o sono todas as noites, mas foi graças a isso, numa madrugada de terça para quarta-feira, que veio a salvação. Perdido o sono, resolveu ligar a televisão. Somente um canal funcionava com aulas destinadas a colegiais e ainda observou:

— Que hora para ter aulas? Quem será que assiste essa porcaria?!

Pegou o finalzinho da aula de química e logo em seguida começou a aula de língua portuguesa. O professor era um jovem bem aparecido que não tinha cara de professor.

— Hoje, meus caros alunos, vocês aprenderão algumas questões de analogia vocabular. Consideradas sob o aspecto da forma e da significação, as palavras podem ser homônimas, sinônimas e antônimas. Homônimas são palavras de mesma forma e de significados diferentes...

O major apenas olhava para a tela, sua cabeça estava em outro mundo e o Paz sempre presente.

— Poxa, foi o Paz quem me apresentou a Laurita, naquele baile do Carmela Dutra, se não fosse isso, eu já teria mandado ele à merda.

O professor continuava sua aula:

— ...Quando as palavras são homófonas e homógrafas, elas são exatamente iguais com significados diferentes, por exemplo, lima, ferramenta e lima, fruta; canto, do verbo cantar e canto, ângulo da sala; mina, grafite de lapiseira e mina, artefato de guerra. Neste caso, dizemos que se trata de um homofonógrafo...

O major, que não estava prestando atenção, deu um pulo da cadeira. Pensou em alucinação, decorrente de suas preocupações, mas não.

— Eu vi e ouvi, eu estava acordado, não estava de prontidão, mas vi claramente. Eu ouvi o professor falar homofonógrafo.

O major estava agitado quando lhe ocorreu consultar o dicionário.

— O dicionário, o dicionário, como é que eu não pensei nisso. Será que eu ainda tenho aquela merda?

Foi à escrivaninha, abriu a gaveta maior e lá estava o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, misturado com alguns livros da Biblioteca do Exército, novinhos em folha. Procurou com ansiedade e rapidez.

— Puta merda e eu que já quis jogar este dicionário fora. Ele vai ser a minha salvação. Cadê, cadê... aqui... puta merda, aqui está... homofonógrafo. Vou copiar esta merda, não, vou escrever ao Paz e cagar na cabeça dele, não, calma... respiraando, calma... respiraando. Vou resolver o assunto no meu gabinete.

Já eram 6 horas da manhã e restava-lhe pouco tempo para permanecer em casa. Às 7 começava o expediente.

— Vou fazer as pazes com a Laurita.

Foi ao quarto, trancou a porta e deitou-se aconchegado à mulher.

No gabinete, entrou empertigado com os dois volumes do dicionário debaixo do braço. Pegou um papel e escreveu uma carta

ao major Paz.

— Meu caro Paz.

Não lhe dei qualquer resposta até agora porque ando atarefadíssimo, mas revendo a minha agenda, encontrei um assunto pendente, o caso do homofonógrafo. Não quis lhe dar uma resposta oficial para salvar a sua pele, eis porque optei por uma carta entre amigos.

Homofonógrafo não é merda que exploda, seu babaca. Homofonógrafo diz-se de palavras, que se escrevem e se pronunciam da mesma forma, tendo sentido e origens diferentes, como peça, substantivo, e peça, do verbo pedir. Vem do grego homos + phone + graphein, portanto, mina de lapiseira é uma coisa, mina *boob trap* é outra. Se eu fosse responder isso através de ofício ou do rádio, o general ficaria sabendo e tão cedo você não sairia da tropa.

Fora isso vai tudo bem. Vê se te safa dessa.

Um abraço do Riba.

Juiz de Fora, 23 de julho de 1970. Pra frente Brasil!

P.S. Laurita manda abraços para a Dinorá e um beijo para as crianças.

Major Paz recebeu a carta do major Ribamar, leu-a, anotou a definição de homofonógrafo e queimou-a logo em seguida. Após a formatura da manhã, mandou chamar o capitão Mauro.

— Mauro, fiz aquela encenação de telefonar para o major Ribamar porque o Zenite estava presente e não ficaria bem eu te chamar a atenção na frente de um subordinado. Pelos relatórios dos interrogatórios que ando lendo, feitos por você, creio estar havendo uma confusão. O Zenite está confundindo mina de lapiseira com mina das nossas. Os gregos já diziam *homos*, *phone*, *graphein* que significa homofonógrafo e no tempo de Aristóteles, Sócrates e Platão não existia *boob trap*. Acho melhor você arranjar uma desculpa bem arranjada, ou melhor, diga que vieram ordens superiores e mande soltar o camarada. Controle o Zenite para ele não dar chique. Caso contrário eu vou ter que dar uma dura nele, o que vai ser muito chato. Afinal o pai dele é general e tudo aquilo que acontece aqui, ele leva direitinho para o velho.

O Capitão Mauro saiu do gabinete do major Paz meio atordado.

— Pensei que o interrogatório ia bem. O Zenite estava de vento em popa, mas o homem sabe até grego. Ordens são ordens, assunto encerrado.

Mandou chamar o tenente Zenite e disse-lhe em tom de mistério:

— Zenite, veio ordem lá de cima para soltar o barbudo, não pude nem argumentar. Ordens são ordens. Aproveite e solte o companheiro dele também.

O rosto de Zenite enrubescou.

— Capitão, ordens não foram feitas para ser discutidas e sim, cumpridas. Entretanto, peço permissão para manter o prisioneiro até domingo. Estarei de oficial de dia e cuidarei do caso pessoalmente. Libertar um preso durante o dia, mancando como está, prejudica a imagem do nosso exército, certo?

— Bem lembrado, tenente, bem lembrado. Permissão

concedida, domingo à noite, está ótimo.

João do Açúcar estava sem referências. Não havia mais interrogatórios, apenas lhe serviam a comida. Tinha conseguido um fósforo e fumado o seu cigarro. Finalmente chegou o domingo. Após a parada da troca de guardas, a única coisa que acontecia era a saída dos soldados licenciados. De hora em hora, saía um grupamento de cada companhia em direção ao corpo da guarda, comandado pelo respectivo sargento de dia. Ali, o oficial de serviço passava os soldados em revista. Às 7 horas da noite, do basculante da cela, João do Açúcar assistiu a uma cena engraçada. Chegaram ao corpo da guarda uns quinze soldados, em fileiras de três. Perfilados, com as fardas de passeio, aguardavam a presença do oficial. No alto da escada, surgiu o tenente Zenite todo emproado com uma varinha debaixo do braço. Andando no meio da pequena tropa, olhava cada soldado dos pés à cabeça e chegava o seu rosto bem próximo da boca de cada um.

— Soldado Marçal! O senhor bebeu!

— Não Seu Tenente, eu não, eu não bebi não.

— O senhor está cheirando canal!

— Não, Seu Tenente.

— Abra a boca!

Chegando o nariz bem perto, disse enfurecido:

— Soldado Marçal, o senhor está cheirando canal!

— Não, Seu Tenente, eu só tomei um golinho, na hora do almoço, um aperitivo.

— Ah! Então bebeu, certo? Soldado Marçal! Ao meu comando! Fora de forma! Marche! Sargento da guarda! Recolha este soldado ao xadrez por embriaguez. Soldado do exército brasileiro não bebe. Comigo não! — E exibia o seu sorriso de oficial da SS.

João do Açúcar ainda estava rindo do acontecido quando a porta da cela se abriu. Era o próprio tenente Zenite com a varinha na mão direita batendo na palma da mão esquerda e com o seu sorriso característico ordenou:

— Senhor João do Açúcar, o senhor está livre, mas tome cuidado, vou ficar de olho.

João do Açúcar saiu em direção à ladeira principal, passou pela sentinela e reconheceu o soldado que lhe havia dado o cigarro.

— Obrigado, meu camarada, algum dia, quem sabe, retribuirei o favor.

A sentinela permaneceu imóvel como pedra, João do Açúcar levantou os ombros, encolheu a barriga como se fosse marchar, mas somente então, percebeu a dor nos pés. Ganhou a rua, manquitolando, e sumiu na esquina. Distante do quartel, ainda ouviu a corneta tocar, mas não soube identificar o de que se tratava. Agora, isso não tinha a menor importância. Enfiou a mão no bolso e encontrou um embrulhinho todo esmigalhado de pedaços de grafite. Lembrou-se de seus pertences que foram confiscados, na hora da prisão: um maço de cigarros, uma caixa de fósforos e uma velha carteira com alguns trocados.

— Engraçado, não pegaram as minas.